

CARL WICKLAND

Médico psiquiatra

Ex-Chefe do Instituto de Psiquiatria de Chicago

TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS

Um relato sobre as experiências de um psiquiatra na cura de pessoas supostamente loucas, que na realidade foram sujeitas à ação mental negativa de espíritos desencarnados.

© 2026 – Conhecimento Editorial Ltda

Trinta Anos entre os Mortos

CARL WICKLAND

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão:

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-210-7

1ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Wickland, Karl

Trinta Anos entre os Mortos / Carl Wickland –
Limeira, SP: 1ª edição – Editora do Conhecimento,
2026.

421 p.

ISBN: 978-65-5727-210-7

1. 2. 3. 1. Título

26-

CDD –

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura espírita

CARL WICKLAND

Médico psiquiatra

Ex-Chefe do Instituto de Psiquiatria de Chicago

TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS

Um relato sobre as experiências de um psiquiatra na cura de pessoas supostamente loucas, que na realidade foram sujeitas à ação mental negativa de espíritos desencarnados.

1ª edição – 2026



Sumário

Apresentação	7
Capítulo I	
Relações mútuas entre dois mundos	13
Capítulo II	
A Investigação Psíquica.....	31
Capítulo III	
A inteligência subconsciente e a autosugestão são duas hipóteses insustentáveis	43
Capítulo IV	
A situação na esfera terrestre e a aura magnética	91
Capítulo V	
Espíritos atormentadores – separações matrimoniais	130
Capítulo VI	
Os espíritos e o crime	162
Capítulo VII	
Os espíritos e os suicídios.....	185
Capítulo VIII	
O álcool, os narcóticos, a embriaguez e a amnésia.....	215
Capítulo IX	
A invalidez psíquica.....	255
Capítulo X	
Espíritos órfãos.....	276
Capítulo XI	
O materialismo e a indiferença	292

Capítulo XII	
Os espíritos e o egoísmo	316
Capítulo XIII	
Os espíritos e a ortodoxia religiosa.....	344
Capítulo XIV	
Os espíritos e a seita da ciência cristã.....	365
Capítulo XV	
Os espíritos e a teosofia.....	380
Capítulo XVI	
A filosofia dos espíritos superiores.....	399
Capítulo XVII	
Recapitulação.....	418

Apresentação

Um dos grandes pesquisadores dos fenômenos psíquicos, Karl August Wicklund foi um psiquiatra sueco que se radicou nos Estados Unidos. Nasceu na cidade de Linden, em 14 de fevereiro de 1861, e desencarnou em 13 de novembro de 1945, em Los Angeles. Ao imigrar para os Estados Unidos, radicou-se na cidade de Chicago, inglesou seu nome para Carl August Wickland e graduou-se em Medicina em 1900. Trabalhou como clínico geral, especializando-se em Psiquiatria. Foi membro da Sociedade Médica de Chicago, bem como da Sociedade Americana para o Avanço da Ciência. Casou-se com Anna Wickland, que possuía notáveis faculdades mediúnicas, quais desenvolveram-se ainda mais ao longo do tempo, a ponto de ajudá-lo expressivamente em suas pesquisas sobre os fenômenos paranormais.



Em se tratando de investigações de problemas obsessivos, ou seja, alteração de comportamento decorrente da influência negativa de criaturas desencarnadas – os pretensamente mortos –, Wickland ainda é o estudioso que maior contribuição experimental deu ao assunto, com vários casos bem examinados e resolvidos. Sua hipótese de

trabalho e sua perícia no tratamento de pacientes considerados loucos foram comprovadas por resultados indiscutíveis: a cura permanente dos enfermos após passarem por sua terapêutica mediúnica.

Wickland tomou contato com a mediunidade ao se deparar com problemas obsessivos apresentados por pessoas que praticaram a escrita mediúnica com auxílio da prancheta – a pneumatografia – sem o devido critério: elas adquiriram vínculos com entidades desencarnadas que acabaram por obsedá-las. Daí, foram conduzidas ao hospital para o tratamento psiquiátrico por Wickland que, num segundo momento, percebeu a ação de um elemento causal, de origem paranormal. Passou, então, a estudar os fenômenos psíquicos, participar de círculos mediúnicos experimentais e descobrir que sua esposa Anna era uma poderosa intermediária entre o mundo físico e o Além. Numa terceira etapa, passou a usá-la como médium, fazendo uma terapia desobsessiva em seus pacientes. Mais de noventa por cento dos casos tratados por Wickland no hospital em que trabalhava foram resolvidos por meio dessa técnica.

Embora reconhecido mundialmente por seu trabalho na área do psiquismo; não obstante ser citado e exaltado Brasil afora em muitas das palestras do tribuno baiano Divaldo Pereira Franco pelo seu pioneirismo no tratamento das obsessões; e conquanto tenha sido destacado com um capítulo específico nas páginas do interessantíssimo livro intitulado *Reencarnação e Imortalidade*, elaborado pelo renomado e saudoso escritor Hermínio Correia de Miranda, infelizmente a portentosa obra do doutor Carl Wickland, resumida em seu magnífico livro *Trinta Anos Entre os Mortos*, continuou inacessível ao público espírita brasileiro. Essa lacuna constitui, a nosso ver, uma grande injustiça. E não faltam razões para justificar esta assertiva.

Primeiramente, relativamente ao importantíssimo conteúdo de *Trinta Anos Entre os Mortos*, deve-se ressaltar que o conhecimento mais profundo dos mecanismos da interação entre encarnados e desencarnados é de fundamental valor no Espiritismo. Kardec indiscutivelmente foi o pioneiro a estabelecer as bases científicas nas quais a interação entre os vivos e os mortos ganhou uma dimensão maior, dissociada do misticismo, da fantasia ou da bruxaria. Pois a obra de Wickland encerra todo um conjunto de ensinamentos referentes ao comportamento dos espíritos

que se encontram em estado de perturbação e que, mesmo inconscientemente, têm condições de influenciar as pessoas negativamente, através da obsessão. *Trinta Anos Entre os Mortos*, portanto, é de enorme interesse ao estudo da Doutrina Espírita.

Também na obra de Wickland vamos encontrar todo um arsenal de técnicas bem conhecidas dos participantes de reuniões mediúnicas para o esclarecimento de espíritos ensimesmados em sua crença de que não estão mortos. Eles acreditam estar ainda vivos, habitando o mundo físico, sem saber que estão perturbando as pessoas através de laços espirituais sustentados por sintonia de pensamentos, afinidades emocionais ou por simples atrações biomentomagnéticas, em que auras de pessoas sensíveis funcionam como faróis na escuridão, atraindo as criaturas mentalmente desorientadas.

“Olhe bem para suas mãos! São suas mesmo?”: esta é uma advertência comum, proferida pelos dirigentes de reuniões mediúnicas, para que os espíritos confusos percebam que atuam na dimensão física sob os auspícios do organismo de um médium. Quando o desencarnado se mostra bastante endurecido em seus pontos de vista, nada mais efetivo que tocar-lhe o coração com os fortes sentimentos familiares, arrebanhados desde sua infância: “Veja atentamente quem está próximo de você... Não é sua mãe? Escute bem o que ela tem a lhe dizer”. No livro de Wickland pode-se deparar com toda uma série de conceitos espíritas, referentes ao *modus operandi* da mediunidade e a ação dos benfeitores espirituais, chamados pelo Dr. Wickland de “Espíritos Inteligentes”.

Trinta Anos Entre os Mortos ainda expõe narrativas tocantes, que descrevem como as criaturas se sujeitam aos perigos da fé cega, do dogmatismo bíblico e da hipocrisia religiosa, ofuscando sua inteligência, perdendo o seu livre-arbítrio e se deixando sequestrar por interesses escusos, que os atiram no despenhadeiro da descrença e da desgraça.

Apesar dos métodos eficientes de Wickland, esse não se furta a apresentar o papel crucial dos orientadores espirituais que o acompanham. Comumente, o soerguimento de criaturas mentalmente dominadas pelo vício, separadas de suas famílias espirituais, dominadas pelo ódio e ensimesmadas pela ideia errônea de que continuam vivos e são perse-

guiados por remorsos é feito por equipes de desencarnados que acompanham e guiam Wickland em seu trabalho. Todo esse contexto é apresentado naturalmente, com detalhes, no decorrer das sessões mediúnicas, em que são prestados os devidos esclarecimentos aos enfermos da alma.

Nesse sentido, não se deve esquecer, de modo algum, a contribuição incalculável de sua honorável esposa Anna, uma médium formidável, sem a qual o êxito do trabalho de Wickland não seria alcançado de modo algum.

Como pode então uma obra como *Trinta Anos entre os Mortos* ter sido relegada ao plano do esquecimento editorial? A razão, a nosso ver, é a seguinte: ao final do livro, ao entrevistar alguns espíritos desencarnados que o ajudavam nos círculos de seu trabalho – criaturas essas que aparentavam estar em perfeito equilíbrio intelectual, detentoras de várias credenciais morais em sua vida no Além –, estes indivíduos desconheciam a realidade das vidas sucessivas e, pior do que isso, afirmaram ao eminente médico que essa era uma ideia errônea. Assim, não obstante o mérito de Wickland por ser o precursor do tratamento espiritual de criaturas obsidiadas, tem-se a impressão que as tais entrevistas contrárias à reencarnação não justificavam a publicação da obra do Dr. Wickland no vernáculo, pelas editoras espíritas.

Ao contrário do que pensaram alguns nobres confrades, a negação a ideia da reencarnação abre novas perspectivas ao pensamento espiritista. Não é de hoje que se suspeita que nos planos espirituais existam muitas comunidades religiosas, bem organizadas e zelosas de seus princípios dogmáticos. Nelas vivem espíritos em relativo equilíbrio, felizes, embora destituídos de conhecimentos espíritas. Portanto, nessas colônias residem criaturas boas e líderes religiosos bem intencionados, mas sem acesso a saberes que parecem triviais aos espiritistas. Por incrível que pareça, o legado kardequiano é de nível muito elevado, inacessível a muitos indivíduos que habitam certas regiões do Além.

Para ratificar isso, basta pesquisar as obras do neo-espiritualismo inglês e verificar que os desencarnados pouco sabiam sobre certos conteúdos. Viviam bem, alguns até percebiam que ainda iam se instruir melhor com o tempo em suas novas moradas no além. A maioria não aceitava a reencarnação. Assim também é o caso de certos espíritos

considerados evoluídos, com autoridade de líderes e especialistas em assuntos bíblicos, como Imperator, que tinha em sua corte outras criaturas boas, como Prudens, Rector e Doctor, que auxiliaram médiuns notáveis como a senhora Piper a dar grande contribuição ao estudo e a pesquisa da mediunidade. Basta abrir o livro *Ensinos Espiritualistas*, de Staton Moses, e verificar que Imperator, apesar de toda a sua altivez, não acreditava na reencarnação. Vide também a magnífica obra de Arthur Findley, *No Limiar do Etéreo*, em que também não se fala sobre a reencarnação: “Há aqui uma coisa similar ao que aí chamais morte. Chamamo-la transição. Quando nos desenvolvemos suficiente, passamos a outro plano”. Não custa ratificar: espíritos desencarnados bons, éticos e momentaneamente em equilíbrio existencial, não necessariamente detêm conhecimentos muito aprofundados sobre as grandes leis da vida. Não raro, costumam ser especialistas ou exegetas apenas em assuntos bíblicos.

O leitor espírita vai perceber que muitos dos casos narrados por Wickland demandam uma explicação filosófica para justificar sua ocorrência. Há casos de obsessão relativamente desprezíveis, que podem ser vistos como simples provações terrenas. Contudo, há muitos casos graves. Com relação a estes, surge naturalmente uma interrogação: por que a lei de Deus permitiu que os espíritos perturbados e mal intencionados se intrometessem na vida de pessoas comuns e, em muitas situações narradas no livro, os tenha levado ao desespero, à ruína e à própria morte? À luz da perspectiva reencarnacionista, os episódios que parecem traçar um quadro da vida terrena em que a injustiça e o acaso se intrometem gratuitamente, ganham uma nova e elucidativa dimensão. Encontra-se na lei das vidas sucessivas uma lógica explicativa dentro dos meandros de corrigendas, sintonias e afinidades psíquicas, baseadas nos enredos conflitantes e traumáticos construídos em existências anteriores. Contudo, a equipe espiritual de Wickland, o Grupo da Misericórdia, buscava, num primeiro momento, atender caridosamente os necessitados e cessar-lhes as aflições. Retirar os perturbados espíritos da aura dos obsedados e fazer como que encarnados e desencarnados pudessem seguir seus caminhos dentro da normalidade esperada. De fato, essa é a decisão mais acertada. Faz lembrar a máxima proferida pelo honrável Buda, justificando porque não ele falava sobre Deus,

dando ênfase à moral e às atitudes. O Iluminado narrou a situação de um homem que foi atingido por uma profunda flechada. O que fazer? Ora, primeiramente, deve-se retirar a flecha e atendê-lo. Fica para depois perguntar a vítima quem a atacou, como a atacou e porque foi atacada. Os espíritos abnegados que auxiliavam Wickland não tinham ciência das leis de causa e efeito, resultantes do processo divino das vidas sucessivas. Não podiam justificar muitas das situações arroladas; mas o trabalho deles foi efetivo, não obstante ser eminentemente assistencial.

Contudo, esse longo comentário foi feito apenas para justificar o porquê de uma obra magnífica como *Trinta Anos Entre os Mortos* não estar disponível na forma de livro, quase cem anos após sua publicação, pois o movimento espírita brasileiro ainda está repleto de bons e incansáveis tradutores. esse introito também vai servir para que o leitor não se assuste com a opinião negativa emitida por alguns desencarnados sobre a lei das vidas sucessivas.

O fato é que Carl Wickland e sua esposa Anna conquistaram um lugar proeminentemente na galeria dos estudiosos e pesquisadores dos fenômenos mediúnicos. Conquistaram essa posição pelo seu trabalho no tratamento e análise das pretensas loucuras, cuja causa mais comum é a atuação obsessiva exercida pelos desencarnados em desequilíbrio sobre o mundo físico. O casal Wickland não era espírita, mas fez por ocupar um lugar especial no plantel dos grandes colaboradores de Kardec, mesmo sem terem lido qualquer uma das obras do eminente Codificador.

Carlos Loeffler

Capítulo I

Relações mútuas entre dois mundos

Para muitas pessoas é difícil compreender a existência de um mundo invisível que envolve o nosso mundo físico. Isso ocorre porque a esfera da inteligência não consegue alcançar com frequência algo mais que o visível e tangível; por outro lado, não é necessário um esforço de pensamento para descobrir o fluxo e refluxo constante da matéria, em suas três formas: sólida, líquida e gasosa, do mundo visível ao invisível e vice-versa.

A natureza visível não é outra coisa que a invisível; é a realidade, que se manifesta mediante a combinação de alguns de seus elementos. Por exemplo, a ciência nos diz que os noventa e cinco por cento dos elementos que integram os corpos vegetais são por estes extraídos da atmosfera, do ar. Mesmo o homem, não vive ele no fundo de um oceano invisível, a atmosfera, mais importante para a vida que todas as substâncias físicas, posto que a vida cessa em poucos instantes se o homem é retirado da atmosfera?

O nitrogênio, que é a substância que se encontra em maior proporção na atmosfera, é indispensável para o crescimento e para a existência dos seres vegetais e animais. O hidrogênio e o oxigênio são gases que passam constantemente da forma de vapor invisível ao de vapor visível e ao de corpos sólidos. Outro exemplo de uma transformação parecida se encontra no carbono. Fatores intangíveis e invisíveis são, assim mesmo, o som, os odores, a lei térmica do calor e do frio e uma multidão de fenômenos que vão desde o elétron infinitesimal à energia que move os planetas e os sóis.

Todos os fatores ativos, tanto os químicos quanto os de ordem vital e mental, operam de uma maneira invisível, como pode observar-se na afinidade química, na energia, na vida vegetal, na vida animal, na inteligência e no pensamento. Percebe-se, pois, que todos os elementos que integram a natureza física visível, em seus diferentes aspectos, têm sua raiz e seu lugar no mundo invisível. O invisível é a fonte do visível.

Essa comprovação de que o mundo objetivo não é outra coisa do que uma combinação de substâncias e forças invisíveis nos fará compreender facilmente a existência de um mundo que se imaginava fora de nosso alcance. Se refletirmos acerca dos maravilhosos progressos realizados pela ciência ao adentrar o campo das mais sutis forças naturais, nos maravilharemos com o fato de que existem pessoas inteligentes que não compreendem a lógica que encerra a crença de que a alma humana goza de uma existência independente da vida do corpo. Não existe entre todas as crenças uma que possa exibir tantos testemunhos a seu favor nos escritos de todas as épocas como essa da existência da alma e de uma vida futura.

O historiador Fiske^[1] disse: “O culto aos antepassados (ou seja, o contato com as almas dos mortos) é o mais antigo, entre todas as raças e povos, segundo se depreende dos testemunhos que atualmente dispomos... O mesmo na África e na Ásia, China ou Japão, entre as raças arianas da Europa e as tribos indígenas da América”.

Allen escreve em sua *História da Civilização*: “Encontramos em todas as tribos selvagens do mundo certas ideias acerca da existência de uma alma humana, do mundo dos espíritos, e, em geral, da crença na imortalidade. Os selvagens enxergam a vida futura como um prolongamento da vida presente: reconhecem assim a existência de outro eu, dotado de faculdades misteriosas. A morte vem consistir unicamente na separação deste outro eu misterioso, que se supõe continuar vivendo na vizinhança. Ao passar ao mundo dos espíritos, esse eu misterioso leva os amores e os ódios que tinha neste mundo”.

Confúcio disse: “Não clameis aos mortos com demasiado desconsolo. Os defuntos são amigos leais e carinhosos que mantêm sempre relação conosco”.

[1] Edmund Fisk Green, conhecido pelo pseudônimo John Fiske, foi um filósofo e historiador norte-americano. – Fonte: Wikipédia.

Os escritores clássicos – Sócrates, Heródoto, Sófocles, Eurípides, Platão, Aristóteles, Horácio, Virgílio, Plutarco, Josefo, Máximo de Tiro – falam da existência dos espíritos como de um fato muito conhecido. Eis aqui umas palavras de Cícero: “Não está quase todo o Olimpo cheio de personalidades humanas? Mesmo os deuses nasceram aqui embaixo e da terra ascenderam ao Olimpo”.

Não é demais insistir no fato de que os cristãos primitivos criam na existência dos espíritos, porque existem abundantes provas nos escritos de Santo Antônio, Tertuliano, Orígenes e seus contemporâneos.

A *Bíblia* está repleta de alusões à existência dos espíritos: “Nos envolve também uma grande nuvem de testemunhos (Hebreus 2:1); “Amados, não deis créditos a qualquer espírito sem comprovar se são espíritos procedentes de Deus.” (João 4:1); “Os espíritos dos homens justos conduzidos à perfeição.” (Hebreus 12:33); “Teremos um corpo natural e teremos um corpo espiritual... Em primeiro lugar, o que é natural, e depois, o que é espiritual” (Coríntios 15:44,46). Poderiam ser transcritas muitas outras citações bíblicas semelhantes.

Swedenborg publicou muitos volumes tratando desse assunto. O Dr. Samuel Johnson^[2] disse: “Para mim, os espíritos não são coisa de fé...; são vistos frequentemente”. John Esley^[3] deixou escrito em sua obra *O Mundo Invisível*: “É certo que, de modo geral, os ingleses – e não somente eles, senão todos os homens cultos da Europa – não dão crédito às histórias de bruxas e similares, considerando-as como fábulas de anciões”. Sinto muito e aproveito esta ocasião para protestar solenemente contra esse injusto qualificativo, aplicado por muitas pessoas que creem na Bíblia aos que não acreditam tratar-se de fábulas. Essa maneira de apreciar o assunto se opõe diretamente não apenas à própria Bíblia, mas também contra as melhores e mais sábias personalidades de todas as épocas e nacionalidades. Deveriam saber que negar a magia equivale a negar a própria *Bíblia*.

Notoriamente conhecidos são os fenômenos psíquicos que ocorreram na casa do senhor Samuel Wesley, pai do

[2] Samuel Johnson – “Crítico literário, ensaísta e lexicógrafo inglês nascido em Lichfield, Staffordshire, vulto dominante da vida literária na Inglaterra do século XVIII.”

[3] John Wesley foi um clérigo anglicano e teólogo arminiano cristão britânico, líder precursor do movimento metodista e, ao lado de William Booth, um dos dois maiores avivacionistas da Grã-Bretanha. – Fonte: Wikipédia.

Reverendo John Wesley, em Epworth, fenômenos estes que continuaram durante vários meses, acompanhados de ruídos e desordens de diversas categorias.

Shakespeare, Milton, Wordsworth, Tennyson, Longfellow e muitos outros poetas têm escrito com profundo sentimento acerca da imortalidade da alma.

Todos nós conhecemos os resultados conviventes das investigações psíquicas levadas a cabo por homens da moderna ciência, filósofos, sacerdotes, físicos, psicólogos e outros investigadores: Prof. Crookes, Alfred Wallace, Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Rev. R. J. Campbell, arquidiácono Colley, Rev. Savage, William T. Sted, Camile Flammarion, Dr. Baraduc, Dr. Janet, Prof. Richet, César Lombroso, Dr. Hodgson, Dr. I. K. Fung, Prof. James, Prof. Hyslop, Dr. Carrington e outros mais.

O Dr. Thomas J. Hudson, autor da obra *Leis dos Fenômenos Psíquicos*, escreveu:

O homem contemporâneo que a esta altura negue os fenômenos espíritos não merece que se lhe aplique o qualificativo de cético, mas sim o de ignorante.

O Reverendo Dr. George M. Searle, reitor da Igreja Católica de São Pedro Apóstolo, da cidade de Nova Iorque, disse:

Não cabe colocar em juízo a presença real dos espíritos no moderno espiritualismo. Nem sequer duvidam dela os homens de ciência que têm dedicado sua atenção a esse tema. Qualificar tais manifestações charlatanismo, enganos ou ilusões equivale a não estar atualizado.

“Ninguém nega, na atualidade, a realidade das manifestações espiritualistas, exceto algumas poucas pessoas que, vivendo com os pés na terra, têm a cabeça na lua”, escreveu G. G. Franco, S. J., na *Civiltà Cattolica*. Os fenômenos espíritos são fatos objetivos que estão ao alcance dos sentidos e podem ser observados facilmente por todos. É inútil, e até mesmo tolo e ridículo, obstinar-se em combater as demonstrações comprovadas, quando são tantos os testemunhos bem conscientes e dignos de crédito que dão sustentação a semelhantes fatos. Até os críticos mais exigentes reconhecem tal robustez.

O mundo espiritual e o mundo físico se interpenetram continuamente: o plano da vida espiritual não é uma coisa intangível, é uma realidade natural, uma ampla zona de

substância refinada em contínua atividade e progresso; a vida nessa zona é um prolongamento da vida do mundo físico. Enquanto permanece no plano das manifestações físicas, a alma se vale da experiência e do contato com o mundo objetivo para adquirir o conhecimento; a inteligência adquire consciência de si mesma ao manifestar-se por meio dos órgãos corporais. Ao transladar-se ao plano espiritual, o indivíduo continua seu curso de progresso e a alma se desenvolve seguindo as linhas da razão, por livre iniciativa, buscando o amor e a realização de altos ideais por meio de uma concepção cada vez mais ampla da finalidade da vida.

A transformação que chamamos “morte” – nome que constitui um equívoco – e que produz em todos temor e tristeza, ocorre tão sem violência e com tal simplicidade que a maior parte dos que a sofrem não se dão conta de que passaram pela transição. E, como desconhecem por completo a existência de uma vida espiritual, permanecem sem adquirir consciência de que passaram a outro plano de vida. Privados dos sentidos provenientes dos órgãos corporais, não chegam até eles a luz física, e, como o entendimento deles não está aberto à suprema finalidade da existência, resulta que se tornam espiritualmente cegos e permanecem num estado de penumbra – a “obscuridade exterior”, de que nos fala a Bíblia – e vagam pela região que podemos chamar de esfera terrestre.

A morte não converte um pecador em santo, nem faz um louco se tornar uma pessoa equilibrada. Os indivíduos conservam sua mesma mentalidade anterior; carregam seus gostos, hábitos, dogmas, erros, indiferenças e até sua incredulidade para a vida futura. “Como tem pensado no fundo de seu coração, assim é o homem (Prov. 23:7)”.

Milhões de seres adotam as formas espirituais que correspondem à vida mental que tiveram na Terra, e permanecem durante certo tempo na esfera terrestre, com frequência no mesmo lugar em que viveram, ligados ali por seus hábitos e costumes. “Onde está teu tesouro, ali também está teu coração (Mateus, 6:21)”.

Os outros seres, que conseguiram alcançar um mundo espiritual mais elevado, se esforçam constantemente por abrir os olhos da inteligência dos espíritos apegados à Terra; porém estes, que estão dominados por certos preconceitos relativos à vida futura, os tomam por “mortos”

ou por “fantasmas”, e resistem frequentemente a se convencer de que se trata, com efeito, de seus amigos, e assim não se dão conta de sua real situação.

Muitos se encontram como letárgicos; outros vagam perdidos e confusos; os de inteligência desordenada podem se ver acometidos pelo terror daquela estranha obscuridade que os envolve; os que têm sobre sua consciência ações más, sofrem angústias e remorsos; outros, impulsivados por suas inclinações egoístas e perversas, buscar um desafogo a essas tendências, e assim permanecem até que conseguem se sobrepor a semelhantes pendores criminais. Então, suas almas clamam por inteligência e luz; e somente então podem os espíritos mais perfeitos dar-lhes a mão e prestar-lhes socorro.

Muitas inteligências desencarnadas, ao faltar-lhes o corpo de que necessitam para satisfazer suas inclinações terrenas, se vêm atraídas pela aura magnética que emana dos seres vivos encarnados em corpos físicos. Assim se apegam a alguma dessas auras magnéticas, exercendo atos de influência, de obsessão e de possessão nos seres humanos. Dessa maneira, encontram um veículo de expressão de seus próprios anseios. Esses espíritos intrusos influem com seus pensamentos nas naturezas muito sensíveis, e as fazem partícipes de suas emoções, debilitam sua força de vontade e se fazem, com frequência, verdadeiros donos de seus atos, com o que ocasionam grandes sofrimentos, perturbações mentais e dores.

Esses espíritos apegados à Terra vêm a ser o que em todas as épocas se chamou de “demônios”. São “demônios” de origem humana, subprodutos do egoísmo, da ignorância e das doutrinas falsas, que têm andado às cegas no mundo dos espíritos e que permanecem ali, escravos de seu atraso espiritual.

À influência desses espíritos desencarnados deve-se atribuir muitos sucessos obscuros e inexplicados da vida terrestre e uma boa parte dos males do mundo. Não basta a pureza da vida e de intenções^[4], nem é suficiente

[4] É preciso destacar que nem todo processo obsessivo tem relação com vidas anteriores. Assim, simples relações de afinidade podem atrair espíritos perturbadores. Por outro lado, a obsessão normalmente atinge de modo mais grave as criaturas que possuem pendências a resgatar, resultantes de graves ações más cometidas em vidas passadas. Porém, qualquer que seja a origem, a verdadeira pureza da alma é a melhor proteção para evitar que a influência de espíritos desequilibrados atinja os níveis mais agudos. O autor, não obstante sua notável e indiscutível excelência, infelizmente não comungava

tampouco uma elevada inteligência para proteger-se eficazmente contra a obsessão; a verdadeira salvaguarda se encontra no reconhecimento dessa realidade e no estudo desses problemas.

As condições físicas que fazem possível esses tropeços são diversas, Com frequência existe uma predisposição natural, outras vezes se devem à debilidade do sistema nervoso ou a uma experiência súbita e traumática. Os desregramentos físicos preparam o terreno para a instalação da obsessão, porque, ao diminuir as forças vitais, reduz nosso poder de resistência às obsessões e resulta mais fácil o acesso para os espíritos intrusos, o que se dá com frequência no caso de que nem a pessoa morta nem o espírito intruso terem consciência de um contato mútuo.

Essa intrusão mental altera as características das pessoas sensíveis, dando origem a uma espécie de mudança de temperamento e, em certos casos, a manifestação de personalidades múltiplas e contrapostas.

Amiúde, é também a causa de uma aparente loucura, que pode abarcar desde uma simples aberração mental até qualquer tipo de manifestação de patologias mentais, tais como a demência, a histeria, a epilepsia, a melancolia, complexos, cleptomania, idiotia, fanatismos religiosos e manias de suicídio, assim como a amnésia, a invalidez psíquica, a dipsomania, a imoralidade, os instintos bestiais, o sadismo e outras formas de criminalidade.

A humanidade tem sido exposta à influência dos pensamentos de milhões de seres desencarnados que, todavia, não chegaram ao entendimento pleno das altas finalidades da vida. A esse fato inegável deve-se atribuir uma grande parte dos pensamentos e emoções involuntárias que os homens experimentam, como certos estranhos pressentimentos, acessos de irritabilidade e de tristeza, impulsos extravagantes, explosões desmedida de ódio, caprichos absurdos e irresistíveis, bem como um sem fim de desvarios mentais.

Desde a mais remota antiguidade, até os tempos modernos, se vem registrando os casos de obsessão e de posseção dos seres encarnados pelos espíritos. O notável antropólogo inglês Dr. Tyler^[5] escreveu em seu livro *Cultura da perspectiva reencarnacionista da vida*, nem dominava muito dos conhecimentos espirituais trazidos pelo Espiritismo. Isso vai se revelar mais claramente nos parágrafos seguintes.

[5] Edward Burnett Tylor (1832-1912), antropólogo britânico.

Primitiva:

Não exageramos ao afirmar que a metade do gênero humano sustenta a doutrina da possessão demoníaca em termos que coincidem nos seus traços essenciais; e por meio dessa doutrina se explicam certos fatos que são, em essência, idênticos, apresentando-se assim todo o gênero humano como representante efetivo de seus antepassados, desde a mais remota antiguidade.

Na obra de Muller^[6] denominado *Unreligionen* encontramos o seguinte parágrafo:

Entre os povos contemporâneos não civilizados é geral a crença de que os ataques de epilepsia, histeria, delírio, idiotia e loucura são ocasionados por algum demônio que conseguiu apoderar-se de nosso corpo.

Home faz repetidas alusões à existência de demônios, e diz: “Se um enfermo vai perdendo suas forças, isso ocorre porque um espírito mau fixou sua morada nele”. Platão sustentou que os demônios obsedavam os mortais. Sócrates afirmou concretamente que os loucos ou possuídos se submeteram à influência dos espíritos demoníacos. Plutarco escreveu:

Existem certos demônios tirânicos que têm necessidade de apoderar-se de alguma alma encarnada para assim recrear-se; não podendo dar satisfação às suas paixões de outra maneira, incitam a sedução, a luxúria, as guerras de conquista e satisfazem suas próprias concupiscências.

Josefo disse: “Chamam-se demônios aos espíritos dos homens perversos”.

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento há menção frequente de espíritos que dominam os obsidiados e possuídos. No livro de Samuel, 16:23, lemos:

David tomou a harpa e tocou-a com suas mãos; Saul sentiu-se reconfortado e sarou, e o mau espírito retirou-se dele.

Era tão corrente nos tempos dos apóstolos a crença nos espíritos e na obsessão, que se chegou a considerar como um dos sinais mais importantes de um verdadeiro discípulo a faculdade de poder afastar os maus espíritos. Deve-se reconhecer que uma das partes mais importantes

[6] Friedrich Max Müller (1823-1900) foi um linguista, cientista das religiões, orientalista e mitólogo alemão.